

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0  
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Produções Didático-Pedagógicas**

**2016**

Ficha para identificação da Produção Didático-pedagógica – Turma 2016

<b>Título: Colecionismo e arte contemporânea, uma possibilidade para o Ensino da Arte.</b>	
<b>Autor: Luzmari Fernandes Rocha Rosa</b>	
<b>Disciplina/Área:</b>	Arte
<b>Escola de Implementação do Projeto e sua localização:</b>	Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto. Curitiba- Rua Elvira Polak, 49. Pilarzinho
<b>Município da escola:</b>	Curitiba
<b>Núcleo Regional de Educação:</b>	Curitiba
<b>Professor Orientador:</b>	Me. Luciano Parreira Buchmann
<b>Instituição de Ensino Superior:</b>	Unespar- Campus II- FAP
<b>Relação Interdisciplinar:</b>	_____
<b>Resumo:</b>	Essa unidade pretende relacionar o colecionismo - coleta e manutenção de objetos, à produção da arte contemporânea e ao ensino da arte na escola. Toma como metodologia a reunião de fragmentos do cotidiano para promover a compreensão dos jovens a respeito do porque os museus existem e como o tempo transforma nosso olhar sobre o que eles conservam. Essa coleta do que os estudantes descartam no dia a dia da sala de aula é recurso para promover a reflexão sobre suas práticas sociais ao identificar e categorizar os objetos, funções e origens. A intenção é que ao longo da duração do projeto de ensino as turmas tenham formado uma coleção que os represente de alguma forma.
<b>Palavras-chave:</b>	Coleção; colecionismo; memória, museu; Arte Contemporânea.
<b>Formato do Material Didático:</b>	Unidade Didática
<b>Público:</b>	Alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II E alunos do Ensino Médio.

## 1. Apresentação:

Essa Unidade Didática - Pedagógica visa oportunizar aos alunos do 6º ano e aos do Ensino Médio a compreensão sobre as funções dos museus<sup>1</sup>. Para tanto, informações a respeito da arte contemporânea que relaciona a coleção e a memória, são estratégia para a apropriação desses conteúdos no contexto educacional.

Para os jovens, o consumo de um novo produto de melhor alternativa face à reparação de um já existente, é mais viável. Desconhecer a possibilidade de guardar ou de reaproveitar peças ou, partes delas para a formação de um novo objeto, talvez até decorativo, não faz parte das escolhas dos jovens. Eles não refletem sobre a origem dos novos produtos – por vezes, fruto de exploração humana e do trabalho escravo – nem a respeito do destino daquilo que é descartado e poluirá o ambiente ou vai ocupar espaço no mundo. Para o público jovem o uso de novas tecnologias é um desafio constante. Parece ser uma necessidade possuir o último modelo de celular, ou o mais recente lançamento da moda.

A essa geração tem com a tecnologia e o consumismo uma relação direta e assim, sem refletirem sobre as consequências, descartam produtos com pouco uso. Isso é muito contrário aos hábitos da geração de seus pais e avós que mantinham e consertavam seus utensílios. A essas novas gerações a reposição de novos produtos e o consumo irresponsável os coloca em constante renovação de valores e práticas, sem que estabeleçam estima pelos objetos que conquistaram. Nesse contexto os jovens não transformam o valor material de seus objetos em valor simbólico, em lembranças, e assim, não relembram histórias vivenciadas pelos artefatos.

Em paralelo a essa realidade é comum que considerem os museus desnecessários e incompreensíveis, desconhecendo a razão da arte por eles guardada assumir o papel de representação do contexto de sua produção, revelando o conteúdo humano que lhes preenche (SOARES, 2009).

Essa prática do museu, de um colecionador ou de qualquer pessoa que estabelece relação afetiva com os artefatos não é tão distante da operação de uma escola que guarda determinados objetos para contar sua história. Através desses artefatos, a comunidade interna (alunos e professores), e até a comunidade externa, podem conhecer e ter acesso ao que estes registram, como a história das mudanças que ocorreram

---

<sup>1</sup> Essa produção didático-pedagógica tomou como inspiração o material desenvolvido pela professora Ana Maria Sassala (Transtornar embalagens : a obra de Hélio Leites - PDE, 2011). Professora Ana Maria Sassala teve como orientador Luciano Buchmann (Unespar/ FAP).

durante tantos anos. A coletânea desses objetos pode ser considerada como um acervo, uma coleção que revela a memória, as lembranças e o patrimônio material e imaterial dessa instituição.

E em sua escola, professora e professor, guardou-se memórias? Há fotos dos alunos, docentes e servidores, eventos, troféus, mobiliário de outros tempos? Ou sua escola é “novinha em folha”? Em casos tão distintos como o de uma escola nova e outra com muitas décadas, em que nos servem para refletir sobre as ideias que expus anteriormente? No caso dessa escola recém-nascida, como ela será lembrada em 25 anos? O que servirá para contar sua história? Que marcas nela serão deixadas pelos alunos e professores e que marcas ela lhes deixou?

Essa unidade didática é um passo para despertar um caráter do colecionismo, reforçar os laços que nos unem por meio de nossas memórias e despertar consciência sobre a geração de lixo e da preservação do meio ambiente.

Professor uma atividade prática com os registros da interação entre os alunos e o objeto de estudo com base em princípios metodológicos e pedagógicos já levantados em sala de aula, sempre é bem vinda.

A estratégia pedagógica desta pesquisa ação para o desenvolvimento dessa unidade tem como base a coleta de objetos para que os estudantes compreendam determinadas práticas da Arte Contemporânea, e em segundo lugar, tente lhes despertar e reverter o descarte, propondo uma reflexão a respeito do problema social gerado pelo consumo.

## 2. “Colecionismo e arte contemporânea, uma prática de arte”



*Figural Coleção particular Foto Professor Autoria própria*

### 2.1 A sociedade de Consumo e o jovem

A sociedade de consumo tem como efeitos o individualismo, a competição por status, a imitação e o exibicionismo, que podem se refletir nas relações escolares.

Segundo a antropóloga Livia Barbosa (2004, p. 68) a atividade de consumir tem duas vertentes: consumir, para fins de satisfação de necessidades “básicas”, e ou “supérfluas”. A autora ainda conduz à questão sobre o que significa o consumo em uma sociedade caracterizada pela contemporaneidade.

Em se tratando do assunto consumo o comportamento juvenil está aliado ao sentido de prazer. O consumo excessivo entre os jovens leva a perda de possibilidades de escolhas, de rever posicionamentos sobre o cotidiano.

Segundo Carmem Leccardi (2005) o jovem de hoje tem uma dimensão cronológica incerta e não relaciona os tempos e espaços do passado, presente e futuro. Devido ao contexto em que estão inseridos os jovens apresentam dificuldade em refletir sobre o passado e projetar seu futuro, pois são influenciados pelo consumo e pelo imediatismo.

Como nos explica Juliana Nazareno (2011) esses elementos anteriormente citados impedem que os jovens construam pelo tempo social suas narrativas biográficas,

relacionado um evento com o outro, lhes fazendo perder a capacidade de organizar seu ontem e seu amanhã como uma experiência contínua. Caracterizado por tais aspectos a vida social e cultural dos jovens se torna fruto dessa alteração do tempo e tem como principal consequência a efemeridade marcada na moda, nos produtos, nas ideias, ideologias, valores e práticas da sociedade de consumo.

E você professora/professor pode sugerir um debate em sala de aula sobre o consumismo nos dias atuais? Porque não dividir os estudantes em pequenos grupos para que discutam questões como:

- Quais produtos consomem?
- Precisaríamos trocar o telefone celular a cada novo modelo surgido no mercado?
- Porque estão sempre procurando um novo modelo de roupa?

De que maneira eles poderiam apresentar à turma suas reflexões sobre a sociedade de consumo: encenar as situações, produzir cartazes ou um blog, se posicionarem a esse respeito no Facebook? De que forma avaliar essa ação e como eles podem ser atores dessa avaliação? É importante que percebam a coerção social que sofrem e exercem!

## 2.2 Os objetos do dia a dia.



*Figura 2 pequenos objetos do dia a dia*

[https://www.google.com.br/search?q=objetos+do+dia+a+dia&rlz=1C1CHZL\\_pt-BRBR694BR694&espv=2&biw=1800&bih=812&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi6-ZrZq\\_nQAhWBDpAKHfj2AQMq\\_AUIBigB#q=objetos+do+dia+a+dia&tbn=isch&tbs=sur:fc&imgcr=leo-WoJUaZsAM%3A](https://www.google.com.br/search?q=objetos+do+dia+a+dia&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR694BR694&espv=2&biw=1800&bih=812&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi6-ZrZq_nQAhWBDpAKHfj2AQMq_AUIBigB#q=objetos+do+dia+a+dia&tbn=isch&tbs=sur:fc&imgcr=leo-WoJUaZsAM%3A)

acesso. 21./08/2016

Os objetos do cotidiano são, social e culturalmente, uma representatividade de um tempo. Todo tipo de objeto pela sua materialidade já carrega uma interpelação sujeito e sociedade. Segundo Marshall Sahlins citado por Dohmann (2013, p.36), “nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem”.

Em todos os lugares os objetos nos cercam. Eles fazem parte da produção humana e acaba por fazer parte da memória, história de alguém que os possui. A relação sujeito/ objeto está intrinsecamente ligada à história e ao cotidiano das pessoas. Cada objeto tem um propósito quando adquirido por alguém, mas com o tempo, podem se tornar obsoletos e cair em desuso. Fora do contexto original, o fim a que serviria, os objetos passam a ter outro sentido como, por exemplo, a máquina de costura que decora um bar, um tijolo que impede que a porta bata com o vento, um LP transformado em relógio, um pneu careca que no jardim se transforma em floreira. Há outra questão nessa situação da vida útil de um objeto, muitas vezes eles podem ser descartados pelo dono, mas serem aproveitados para outra pessoa. Essa situação pode ser comparada à que tínhamos no Brasil há 20 anos atrás, quando as roupas passavam de irmão para irmão chegando aos primos mais novos, por exemplo.

Na Arte Contemporânea o artista muitas vezes, designa um novo sentido a um objeto e “o transforma”. Essa operação chama-se de Apropriação. O indivíduo se apropria de um objeto ou imagem e lhe insere em outro contexto ou lhe atribui outra função. A marca histórica dessa estratégia é o Dadaísmo e a obra de Duchamp, A Fonte (1917).



*Figura 3 - A Fonte, Marcel Duchamp. 1917*

[https://www.google.com.br/search?q=a+font+duchamp&rlz=1C1CHZL\\_pt-BRBR694BR694&espv=2&biw=1800&bih=746&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiu6qn9kf\\_QAhWCIZAKHelPBkcQ\\_AUIC\\_CgB#q=a+font+duchamp&tbn=isch&tbs=sur:fc&imgrc=5ODf6qxBFqWA7M%3A](https://www.google.com.br/search?q=a+font+duchamp&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR694BR694&espv=2&biw=1800&bih=746&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiu6qn9kf_QAhWCIZAKHelPBkcQ_AUIC_CgB#q=a+font+duchamp&tbn=isch&tbs=sur:fc&imgrc=5ODf6qxBFqWA7M%3A)

Marcel Duchamp, em 1917 colocou a assinatura em um mictório e a apresentou em uma exposição de arte. Esse foi um dos mais importantes ready-mades produzidos pelo artista.

Em seu artigo, *Deslocando objetos: o estranho cotidiano da arte*, Vanessa Carrer, (2013, p.19) traz a ideia e a reflexão sobre o uso dos objetos do cotidiano que se tornam apropriações artísticas na arte contemporânea. A autora também destaca a importância do novo olhar sobre os objetos do cotidiano na arte. Segundo (id,p.20) na Arte Contemporânea os paradigmas foram quebrados, as manifestações artísticas visuais abordam temas do dia a dia e buscam nas vivências questões que possam ser levantadas e apresentadas como arte.

Os objetos adquirem um novo significado tornando-se somente visuais depois de perderem sua função primária. Contudo, a respeito do que apresentei anteriormente sobre memória e significação, cada objeto possui uma história, um sentido anterior ao atual para quem os adquiriu ou ganhou, logo esses objetos possuem uma carga significativa no tempo e espaço. Eles representam algo a mais do que a sua função, podem representar a pessoa que nos presenteou e que não temos mais convívio.

Questões contemporâneas levam em conta que a produção objetual faz referência a condição de tempo, de espaço, de lugar e de representação no contexto de sociedades e de culturas globalizadas. Há estudiosos que veem os objetos e as relações, sujeito e objeto, de um ponto de vista entre o encanto e o menosprezo, mas sem dúvida essa proximidade entre o dono e a coisa que ele possui, é pessoal, subjetiva. Diferente de pessoa para pessoa. Um determinado objeto do cotidiano tem a função prática imediata, a partir do momento em que ele perde essa função primária, pode adquirir outra e se tornar, nesse novo propósito, desejável. Um exemplo disso é a obra de arte citada anteriormente (imagem 3) “A Fonte” era um mictório, pela sua importância histórica, pode ter sido disputada em um leilão. Fato é que ela faz parte da coleção de Arturo Schwarz<sup>2</sup> (MINK, 2000, p.67).

Segundo Baudrillard (2008, p.94) o objeto abstraído de seu uso primário, toma um estatuto de subjetivo tornando-se objeto de coleção. Esse objeto é qualificado pela abstração apaixonada do colecionador. Esse sentimento de posse vivida pelo indivíduo o leva a fazer uma organização complexa entre os objetos que se relacionam uns com os

---

<sup>2</sup> Arturo Umberto Schwarz tem origem italiana. Reconhecido historiador de arte, poeta, escritor, consultor de arte e curador. Vive atualmente na cidade de Milão. Colecionador de obras do dadaísmo e do surrealismo, inclui-se em sua coleção principalmente obras de Marcel Duchamp (de quem foi amigo pessoal) e de André Breton.

outros pela paixão do colecionador.

Colega, que tal levantar entre seus alunos quais os objetos que eles guardam e atribuem valor sentimental, que mantêm uma história, que lhes seja ou tenha sido caro? Com esse levantamento em mãos questione-os o porquê guardam esses objetos e descubra a história e memória deles.

## 1.2 Na história da humanidade e dos museus: os gabinetes de curiosidade

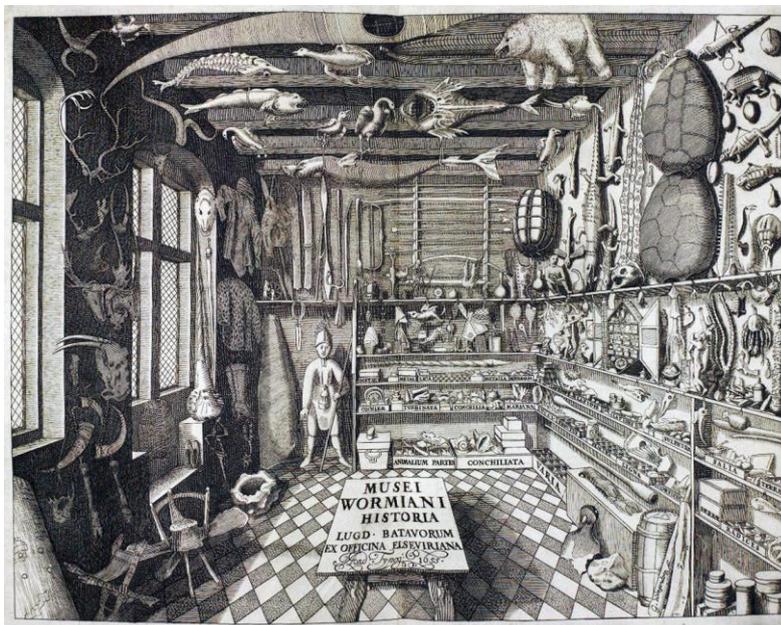


Figura 4– gabinete de curiosidades do Museu Womianum, 1655

[https://www.google.com.br/search?q=gabinetes+de+cole%C3%A7%C3%B5es+historia+da+arte&rlz=1C1CHZL\\_pt-BRBR694BR694&espv=2&biw=1800&bih=812&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifq\\_qb4PnQAhUFxpAKHfVDD8kQ\\_AUIB\\_ygC#tbs=sur:fc&tbn=isch&q=gabinetes+historia+da+arte&imgrc=atYsB3VSLqccJM%3A](https://www.google.com.br/search?q=gabinetes+de+cole%C3%A7%C3%B5es+historia+da+arte&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR694BR694&espv=2&biw=1800&bih=812&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifq_qb4PnQAhUFxpAKHfVDD8kQ_AUIB_ygC#tbs=sur:fc&tbn=isch&q=gabinetes+historia+da+arte&imgrc=atYsB3VSLqccJM%3A)

acesso em 03.11.2016

De acordo com Helga Possas (2005, p.151) entre os séculos XVI e XVIII os gabinetes de curiosidades europeus já traduziam a preocupação com a memória. Em uma tentativa a princípio enciclopedista, ou seja, de juntar todas as coisas existentes, os gabinetes já guardavam objetos de lugares distantes ou desconhecidos. Tinham como objetivo o fato de reunir objetos passando a ideia da existência dos “outros”.

Os gabinetes de curiosidades surgem com o objetivo de expor não apenas o que se conhecia, mas também o que se imaginava, pois abrigavam toda a dubiedade científica da época. Organizado primeiramente em duas seções: “Naturalia” e “Mirabilia”, dos quais, o primeiro possuía exemplos do mundo animal, vegetal e mineral (como o caso da

figura 4) devendo o segundo dividir-se em: objetos produzidos pelo ser humano, antiguidades e objetos exóticos de povos desconhecidos que eram vendidos por colecionadores ou presenteados por viajantes e marinheiros. Os gabinetes de curiosidades eram de posse privada, porém havia também gabinetes secretos, pertencentes a nobreza fidalga. As coleções abertas ao público, eram mantidas por colecionadores e famílias da nobreza por ocasião da prática do mecenato.

A divisão “naturalia” tinha o maior número de exemplares, pois era representada pelos herbários e jardins anexos aos gabinetes. Alguns colecionadores guardavam plantas exóticas e que exalavam odores. É o caso da Rosa de Jericó, que carregava a crença fantasiosa de poderes afrodisíacos e só abria uma vez por ano. Eram chamados de “gabinetes de curiosidades”, pois esses espécimes vegetais traziam aos seus colecionadores a satisfação de curiosidade gerada pelo conhecimento do Oriente e a descoberta do Novo Mundo. O reino animal vinha acompanhado pela curiosidade de conhecer os espécimes, principalmente os exemplares marinhos como conchas, lagostas, cavalos- marinhos e outros, pois esses espécimes carregavam um significado simbólico, pois eram representantes de um mundo ainda a explorar, mas exótico e maravilhoso. Ainda na “Naturalia” os minerais tinham seu resguardo em gabinetes onde havia pedras raras e minerais de formatos únicos e curiosos.

No entanto na disposição “mirabilia”, colecionava-se inventos do homem como armas que demonstravam o poder humano sobre as criaturas. Havia também objetos exóticos de diversas culturas trazidos pelos viajantes como arco e flechas, manto de plumas e utensílios do cotidiano desses povos. Assim, enfatiza Possas (2005, pg.161) que esses gabinetes eram espaços de estudos. Um gabinete de curiosidade era a expressão da cultura do colecionador, do poder e da glória do conhecimento.

Ao longo do séc. XVI esses gabinetes, que nesse princípio não tinham suas peças divididas além das categorias apresentadas, precisaram de uma ordenação e classificação mais minuciosa. Esse processo marcava o início de coleções específicas que permitiram aos estudiosos da época a oportunidade de conhecer e estudar os espécimes do Novo Mundo trazidos pelas grandes navegações. Sendo assim as coleções passam a ter um caráter científico.

A ciência do séc. XVII e séc. XIX encontrou-se vinculada ao surgimento de museus de história natural, com coleções especializadas e em constante expansão. Os museus podem ser considerados descendentes diretos dos gabinetes de curiosidade, seus filhos e netos. Vele lembrar que apesar da modificação ocorrida no processo histórico as coleções ainda conservavam o caráter sagrado e místico procurando

entender a criação divina.

Colega, quando criança ou adolescente você colecionou algo? Como era sua coleção, onde e como você a guardava? Você intui que há semelhanças entre a coleção da criança e dos adolescentes e os antigos Gabinetes de Curiosidades? Quais?

**Porque não desenvolver um projeto de ensino com os estudantes em que eles construam seus Gabinetes de Curiosidade?**

- Quais os receptáculos desses gabinetes, caixas de sapato ou de outros produtos?
- Que escolha os grupos, duplas ou indivíduos farão? Que reino lhes interessaria *Naturalia ou Mirabilia*? Insetos, folhas de árvores, pedras, ossos ou figurinhas, tampinhas de garrafas, papéis de carta, desenhos?
- Como avaliar essa pesquisa? O portfólio não seria uma boa forma de avaliar?
- Anexo o texto de apresentação da exposição “Gabinete de outras curiosidades” ocorrida na Unespar/ FAP pode lhe servir como inspiradora de muitas propostas diferentes como é o caso dos alunos da disciplina patrimônio Cultural.

## **GABINETES DE OUTRAS CURIOSIDADES.**

*Foi há muito tempo que os homens zarpando da Europa, chegaram a terras desconhecidas. A partir de então foram somadas à geografia não apenas as Américas, mas uma infinidade de estranhezas da flora e da fauna, e o “civilizado” europeu, descobre, e é descoberto, além-mar por povos antes nunca imaginados.*

*A cada tripulante que chegava do novo mundo, narrativas fantásticas de coisas nunca vistas aportavam no imaginário da nobreza, burguesia e clero. O imaginário dos homens foi fecundado pela diferença, estranhamento, perplexidade diante do novo. A curiosidade fervilhava, e possuir parte desse mundo distante e estranho, era de alguma forma, dominá-lo. Com o passar do tempo essa ganância faz surgir um gênero elaborado do comércio marítimo de peças exóticas para as coleções: cresciam assim os Gabinetes de Curiosidades.*

*Os armários não suportando mais a diversidade de coisas, se transformam em câmaras. Mais além-edificações específicas surgem para guardar esses tesouros de valor indefinível. A miscelânea deu lugar à categorização, primeiramente as curiosidades foram*

*divididas nos reinos naturália e mirabília, prenunciando o nascimento das Ciências Naturais.*

*Ter e manter as curiosidades nas coleções e nos armários era a forma desses proto-cientistas conhecerem o mundo e nos legarem aquilo que hoje chamamos de ciência e seus métodos. Decorre desses fatos as expedições científicas que, muito tempo depois, atravessavam o oceano para coletar, catalogar e registrar.*

*A exposição que os alunos de Artes Visuais apresentam é fruto do estudo sobre as coleções na disciplina Patrimônio Cultural.*

*A proposta foi de que escolhessem um universo da ficção, (literatura, cinema, etc) para onde seguiriam nessa Expedição coletora como ocorria no passado, coletando peças daquele mundo guardando-as no Gabinete de outras Curiosidades.*

*Bruna Bodziak, Eloisa Fernandes, Hanna Torquato e Sonia Geraldo (2º LAV -M), viajaram ao Centro da Terra tomando o filme baseado no romance de Júlio Verne, comparando-os; Geisiani Bontorin e Vitor Lopes (3º LAV-M) coletaram em sua expedição, doze resquícius do poder astral dos signos do zodíaco; Ana Flávia Rossetto (3º LAV-N) foi às Savanas do oeste da África de onde trouxe ovos, desenhos de animais, medalhas das corridas com antílopes, dente de crocodilo, chuva de água, pedra, estrelas, folhas e flocos de algodão, pedaços/desenhos de tronco, penas de aves diferente e flores; Erenise Mendes e Meri Siqueira (4º LAV-M) foram longe na viagem, chegando ao planeta Metra, o gabinete delas é formado por coisas que não cabem em palavras; Irma Bay, Luiza Nascimento e Rosemeri Lopes (2º LAV-N) chegaram com sua expedição ao mundo mágico dos livros de Harry Potter; Barbara Setim e Yanka Cardoso (2º LAV-M), através de seu Gabinete, comprovam a triste história e existência do deus da guerra em sua luta contra Hades; Pierra Mayer (4º LAVN) mostra no Gabinete o mundo encantado das meninas; Aline Lima e Renata Cruz (2º LAV-M) exploraram A Terra da Madrasta no universo de Emília, a boneca de pano de Narizinho, personagens de Monteiro Lobato; Laura Dibiasi viajou pelo submundo de Charles Bukowski, e mostra em seu Gabinete ilustrações baseadas na descrição física, objetos dos personagens do livro Delírios Cotidianos.*

*É isso o que lhes apresentamos.*

*Luciano Buchmann*

*Professor da disciplina Patrimônio Cultural*

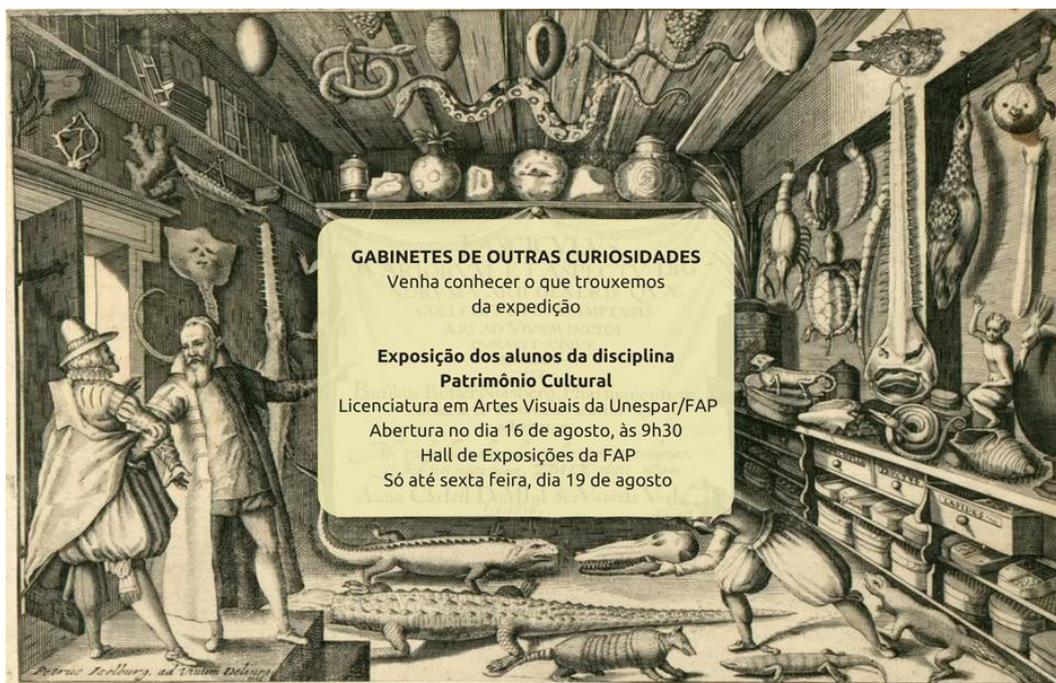


Figura 5- Imagem do convite e cartaz para a exposição Gabinete de outras coisas- FAP.

### 2.3.1 Os gabinetes e coleções no Brasil

No Brasil o surgimento das coleções especializadas foi tardio. Apesar, de o Brasil Colônia ter alimentado a fome de curiosidade de colecionadores europeus no século XVI, a história inicia das coleções no Brasil é diferente. Segundo Helga Possas (2005, p.160) o primeiro museu no Brasil surgiu no início do século XIX, em 1818 e chamava-se “Museu Real do Rio de Janeiro”. Em 1866 surge o “Museu paraense Emílio Goeldi” e em 1895 o “Museu Paulista”, que apareciam como centros que abrigavam pesquisadores importantes.

Hoje o antigo, Museu Real do Rio de Janeiro é o Museu Nacional do Rio de Janeiro (IPHAN) e está voltado à pesquisa e à memória da produção do conhecimento vinculado a Universidade Federal do Rio de Janeiro. O museu abriga em seu acervo coleções que servem de base para a pesquisa desenvolvida pelos departamentos de antropologia, botânica, entomologia, geologia e paleontologia, vertebrados e invertebrados com profunda ressignificação entre espaços, tempos, objetos e memórias.

A história registra que muitas famílias guardavam e colecionavam objetos e que, ao longo do tempo, essas coleções foram legadas ao Estado. Uma marca histórica desse processo é a Revolução Francesa que toma a coleção da família real, os Bourbon, e a transforma no Museu do Louvre aberto em 1793 (SUANO, 1986, p.28). Essa prática se institui na cultura e assim, antigas coleções privadas tornaram-se acervos públicos, sob a

guarda de fundações, museus e instituições culturais. São exemplo dessa afirmativa no Brasil a Fundação Cultural Ema Gordon Klabin, em São Paulo. A casa da família Klabin, hoje é um local declarado de utilidade pública federal e preserva em seu acervo mais de 1500 obras.

As imagens abaixo fazem parte do acervo da Fundação Cultural Ema Gordon Klabin.



*Figura 6. Santo Dominicano, escultura do acervo da Fundação Ema Klabin<sup>3</sup>*



*Figura 7- fachada da casa e Fundação Ema Gordon Klabin<sup>4</sup>*

---

<sup>3</sup> Fonte:

[https://www.google.com.br/search?q=cole%C3%A7%C3%A3o+ema+klabin&hl=pt-BR&authuser=0&biw=1821&bih=817&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj7pq3k1enQAhXEC5AKHfebD\\_MQ\\_AUIBigB&dpr=0.75#q=cole%C3%A7%C3%A3o+ema+klabin&hl=pt-BR&authuser=0&tbn=isch&tbs=sur:fc&imgcr=80jKcY-0x\\_Rz2M%3A](https://www.google.com.br/search?q=cole%C3%A7%C3%A3o+ema+klabin&hl=pt-BR&authuser=0&biw=1821&bih=817&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj7pq3k1enQAhXEC5AKHfebD_MQ_AUIBigB&dpr=0.75#q=cole%C3%A7%C3%A3o+ema+klabin&hl=pt-BR&authuser=0&tbn=isch&tbs=sur:fc&imgcr=80jKcY-0x_Rz2M%3A)

<sup>4</sup> Fonte:

[https://www.google.com.br/search?q=cole%C3%A7%C3%A3o+ema+klabin&hl=pt-BR&authuser=0&biw=1821&bih=817&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj7pq3k1enQAhXEC5AKHfebD\\_MQ\\_AUIBigB&dpr=0.75#q=cole%C3%A7%C3%A3o+ema+klabin&hl=pt-BR&authuser=0&tbn=isch&tbs=sur:fc&imgcr=80jKcY-0x\\_Rz2M%3A](https://www.google.com.br/search?q=cole%C3%A7%C3%A3o+ema+klabin&hl=pt-BR&authuser=0&biw=1821&bih=817&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj7pq3k1enQAhXEC5AKHfebD_MQ_AUIBigB&dpr=0.75#q=cole%C3%A7%C3%A3o+ema+klabin&hl=pt-BR&authuser=0&tbn=isch&tbs=sur:fc&imgcr=80jKcY-0x_Rz2M%3A)

Colega, não seria valoroso que seus alunos descobrissem o patrimônio que o Brasil guarda em seus Museus? Conhecer esse colecionismo não lhes daria noção do que eles possuem como brasileiros? Será que eles entendem o significado de acervo e de instituição pública?

- Será que assistirem em sala o episódio 56 da série “Conhecendo museus”(disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cBf3hEDZ1Is&t=179s>) ajudaria a pensar nessas questões?
- Como será que a maior coleção de arte europeia da América do Sul veio parar no Museu de Arte de São Paulo (MASP)?
- Porque não pesquisar um pouco da origem do MASP?
- Quais outras coleções eles poderiam pesquisar nos museus brasileiros?

## 2.4 Colecionismo na Arte Contemporânea

Como foi apresentado anteriormente, o Apropriação (CHIARELLI,2002) e as apropriações na Arte Contemporânea remetem ao simbolismo e criam um novo sentido para o significado dos objetos. Segundo Virginia Cândido Ribeiro (2008, p.796). Esses objetos dos quais os artistas se apropriam podem estar no nosso cotidiano e fazer parte das pequenas histórias de nossa vida. Entretanto, alguns artistas contemporâneos, além de colecionarem objetos do dia a dia, fazem uma referência artística ao colecionismo e ao museu. Isso quer dizer: eles se apropriam não apenas de coisas alterando seu uso e significado, mas da operação dos colecionadores. Nisso pode haver a crítica ao museu, à guarda, manutenção e conservação da cultura material, como também o contrário dela, a análise sobre a perda de sentidos ou os apagamentos da atualidade, da massificação versus a identidade.

O historiador Jacques Legoff em seu livro História e Memória (2004) diz que aquilo que nos faz lembrar de alguma coisa é uma prótese de memória. A palavra prótese significa uma tecnologia que supre, corrige ou aumenta uma função natural. Como exemplo temos a escrita, graças a ela aprendemos muito do que sabemos e registramos dados que não precisamos armazenar em nossa memória cerebral. Muitas vezes esses dois termos história e memória são confundidos: a história é a sequência de fatos no tempo, como por exemplo, a Segunda Guerra mundial, enquanto a Memória é individual, é o aquilo que da história foi vivido por um indivíduo, por exemplo, aquilo que o Pracinha

da Força expedicionária Brasileira José Padilha viveu no combate é a memória<sup>5</sup>.

Essas práticas artísticas da arte contemporânea podem desencadear projetos de ensino sobre o resgate de lembranças ou o descarte delas?

Criar próteses de memórias pode servir a reflexão a respeito dos hábitos consumistas questionados no início do texto?

Vamos nos embasar nas práticas e obras colecionistas dos artistas Andy Warhol (1928-1987), Mabe Bethônico (1966), Rosângela Rennó (1962) para fazermos um recorte do colecionismo na Arte Contemporânea, pois há muitos outros artistas no Brasil e no mundo que se valem desse dispositivo conceitual para a criação.

### 2.4.1 Andy Warhol

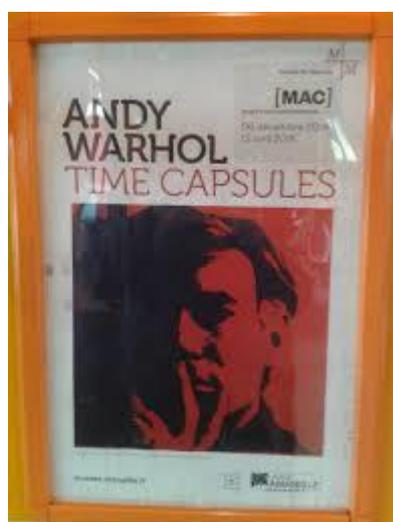


Figura 8- cartaz da exposição “capsules times” Warhol Museu de arte contemporânea Marseille, 2014 <sup>6</sup>

O artista plástico Andy Warhol, tornou-se popular pelas suas serigrafias a partir da imagem da lata de sopa *Campbell's* e do uso da imagem de celebridades da primeira metade do século XX como Marilyn Monroe, Elvis Presley, Elizabeth Taylor, Jacqueline Kennedy, a Rainha Elizabeth da Inglaterra, figuras tão consumidas pela mídia quanto um produto industrial. Warhol principal expoente da Pop Art<sup>7</sup>. Por volta de 1974 o artista começou a colecionar objetos do cotidiano em caixas de papelão. Nessas caixas ele

<sup>5</sup> Sobre essa questão consultar: LEGOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, e ou, SILVA, Kalina e SILVA, Maciel. **Dicionário de Conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

<sup>6</sup> Fonte: [https://www.google.com.br/search?q=capsulas+do+tempo+andy+warhol&rlz=1C1CHZL\\_pt-BRBR694BR694&espv=2&biw=1800&bih=812&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwip6qS5x\\_vQAhWliJAKHVU9Br4Q\\_AUIBiqB#tbs=sur:fc&tbn=isch&q=capsules+time+warhol](https://www.google.com.br/search?q=capsulas+do+tempo+andy+warhol&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR694BR694&espv=2&biw=1800&bih=812&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwip6qS5x_vQAhWliJAKHVU9Br4Q_AUIBiqB#tbs=sur:fc&tbn=isch&q=capsules+time+warhol) acesso em 12.08.2016

<sup>7</sup> Movimento artístico que teve início em 1950 no Reino Unido e procurava criticar o consumismo e as relações sociais permeadas pelo status. Os artistas do pop transformavam em arte as marcas, e os elementos difundidos pela indústria cultural.

coleccionava diversos cartões, figuras, pedaços de jornais, fotografias, flyers e outras coisas e as caixas foram chamadas de cápsulas do tempo.

As cápsulas passam a ser uma proposta de trabalho artístico para Warhol, um projeto de coleta. O montante dessa coleção de caixas é de 610 ao todo, e reúnem milhares de objetos como um reservatório de memória, eles registram a experiência individual do artista entre os anos 1950 até sua morte em 1987. Segundo MORGADO, (2015) as cápsulas do tempo de Warhol apresentam uma simplicidade e banalidade quase poéticas. Elas estão guardadas no *North Shorte Historical Museum*, Nova York, Estados Unidos da América.

Como exemplo do conteúdo desses continentes de memória pode ser citado a caixa número 21. Seu conteúdo foi ordenado por categorias como: trabalho do artista, mãe, fotografias, correspondências, setor financeiro, negócios e jornais.

Em meio a todo esse registro de memória e existência, podemos perceber ainda que o trabalho das cápsulas do tempo de Andy Warhol são marcas de um período histórico através de uma prática de *lifelog*<sup>8</sup>. (Morgado, Victoria, 2015).

A catalogação e abertura das cápsulas do tempo de Wharol aconteceu depois de sua morte, mas receberam o status de obra artística por sua poética. As cápsulas do tempo e os objetos guardados pelo artista remetem a salvaguarda da sua memória e apresentam-se como testemunhas de uma época.



Figura 9 BOX 262. <sup>9</sup>

<sup>8</sup> Lifelog- vida real.

<sup>9</sup> Fonte: [https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&authuser=0&site=imghp&tbn=isch&source=hp&biw=1821&bih=882&q=capsulas+do+tempo+warhol&og=capsulas+do+tempo+warhol&gs\\_l=img.3...8010.14466.0.15057.24.13.0.11.11.0.240.2155.2-10.10.0...0...1ac.1.64.img..3.15.2169...0i0i30k1j0i8i30k1j0i24k1.pofpvsRSqX8#imgrc=Q9uBmCArWpC5-M%3A](https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&authuser=0&site=imghp&tbn=isch&source=hp&biw=1821&bih=882&q=capsulas+do+tempo+warhol&og=capsulas+do+tempo+warhol&gs_l=img.3...8010.14466.0.15057.24.13.0.11.11.0.240.2155.2-10.10.0...0...1ac.1.64.img..3.15.2169...0i0i30k1j0i8i30k1j0i24k1.pofpvsRSqX8#imgrc=Q9uBmCArWpC5-M%3A) acessado em 08.12.2016

Professora e professor, Como levar os alunos a perceber a passagem do tempo?

De que forma podemos fazê-los perceber em seu descarte características do consumo e da atualidade?

Será que a proposta de reunir pequenos objetos do dia a dia escolar em cápsulas do tempo para serem abertas e catalogar os objetos dela no futuro seria um meio?

Caso você apresente o artista Andy Warholl, a Pop art e obras desse artista, os alunos conseguiriam relacionar sua produção ao consumo e a indústria cultural do tempo de Warholl?

Seria a cápsula do tempo em sala de aula uma maneira de registrar o tempo e a memória da turma?

Quais seriam os passos dessa explicação aos alunos?

Será que tudo o que eles desejam pode ir para a caixa, do bilhete entre colegas ao caroço da maçã?

Quais os recursos serão necessários nesse projeto, apenas uma caixa de papelão? Como eles podem transformar essa caixa para coletar os objetos.

Qual o tempo que a caixa permanecerá como coletora? Quando será a abertura da cápsula do tempo? De que modo registrar o processo e categorizar os objetos dela?

Acondicionar o material em pastas de plástico transparentes permitiria a visualização como um catálogo? Qual o próximo passo nessa experiência com a coleção?

## 2.4.2 Mabe Bethônico

A artista plástica Mabe Bethônico, pesquisadora e professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, trabalha em uma forma de diálogo com arquivos, recortes e outros que coleciona. Ela tem interesse em criar uma espécie de ficção de fontes referenciais, viabiliza acesso de sua obra através de jornais, pôsteres e instalações. Seu trabalho relaciona práticas colecionáveis de uma forma surpreendente e simples, como por exemplo, suas coleções de imagens recortadas de revistas e jornais. São imagens de coisas banais como flores, buracos, cidades, insetos, ferramentas que depois de recortadas são guardadas em envelopes. Esses temas de cada envelope que se abre em muitos subtemas, como no caso das flores: as de cores variadas, vermelhas, amarelas, rosas; as espécies; as artificiais, etc.

Esses recortes guardados em pastas reproduzem de certa forma a história e memória de um lugar, de uma pessoa e de situações criativas sobre os sentimentos que cercam esses objetos.

Mabe começou esse trabalho de banco de imagens retiradas de jornais, quando mudou-se para Londres. Inicialmente separou quatro grandes grupos: destruição, corrosão, construção e flores. Foi a partir das exposições de 2000 em Londres, chamadas “ Mabe Bethônico and the collector” que a artista criou o personagem “Colecionador”. Esse personagem assumia a responsabilidade fictícia pela continuidade do banco de imagens. Sua proposta era de sua desvinculação com o projeto de coleta, ao mesmo tempo em que criava uma personagem para a continuidade do trabalho, sem gênero determinado. Visando sua autonomia, Bethônico depositou várias subdivisões de seu arquivo de imagens em pastas que, acondicionadas em caixas de papel, passaram a ficar à disposição do público no setor de hemeroteca da biblioteca do Museu da Pampulha.

Para Ana Paula Cohen, (2006) o trabalho colecionável de Mabe Bethônico é uma estrutura que articula coleções, atividades, textos, imagens.

As coleções e atividades do “Museumuseu”<sup>10</sup> estão amparadas entre a ficção e a realidade, documentação e construção, referenciando que a informação pode ser construída e retrabalhada continuamente. “Museumuseu” segundo Ana Paula Cohen (2006,p.2) constitui uma prática contínua de pesquisa, acúmulos, coleções, classificação, de novos sistemas a partir de elementos e documentos retirados de seu contexto original. Por ocasião da 27ª Bienal de São Paulo o trabalho de Mabe Bethônico destacou-se por

---

<sup>10</sup> Museumuseu\_ caracteriza-se por uma estrutura que articula coleções da artista e são organizados em núcleos.

servir de ponto mediador e visível entre a Instituição Fundação Bienal de São Paulo e seu público.

Nesse sentido, o museumuseu pode ser visto como uma prática de crítica institucional construtiva: se por um lado faz uso de instrumentos museológicos, criando sistemas de classificação, conservação e coleção de determinados objetos, por outro lado abre possibilidades de combiná-los e acessá-los de formas diversas, em diferentes tempos, propondo novas leituras e formas de apreensão daqueles materiais. (COHEN, 2006p2).

A cerca deste propósito podemos citar o Módulo itinerante do Museu do sabão, coleção onde a artista dispõe uma coleção de sabão em barras, de uso doméstico e não cosméticas organizadas em caixas, que se empilham sobre rodas. O arquivo é portátil, podendo ser disposto no chão ou sobre uma mesa. O material é organizado em setores organizados em sabões artesanais e industrializados: brancos, marrons, azuis, verdes, etc. O módulo Itinerante pressupõe a existência de um Museu do Sabão estabelecido em algum lugar; no entanto ele contém todo o acervo do Museu. Ele prevê que o crescimento da coleção aconteça durante o seu trânsito, como a participação e doações voluntárias do público.

Professor uma aula diferenciada para os alunos aprenderem um pouco mais sobre a artista mineira Mabe Bethônico bem como apreciar fotos de sua obra, permitirá enriquecer seu trabalho e despertará nos jovens a curiosidade para o colecionismo proposto pela artista.

Uma pesquisa no laboratório de informática da escola com o acesso do site <http://www.premiopipa.com/pag/mabe-bethonico/> permitiria muitas descobertas.

- Porque não pedir aos alunos que registrem informações complementares sobre o trabalho da artista destacando o que mais lhes chamou a atenção?
- Mabe criou, O Colecionador. Usando dessa estratégia, como seus alunos poderiam criar ações com o colecionismo? Quais seriam seus interesses?
- Seria possível uma comunicação entre a turma e a artista? A coleta dos estudantes vivendo o papel do personagem, O Colecionador, em uma extensão dele, como por exemplo: O Colecionador de bijuterias perdidas, ou o Colecionador deprimido, não poderia interessar a Mabê? Porque não tentar uma comunicação ou a doação das coleções desses tantos perfis do personagem a artista?

### 2.4.3 A artista Rosângela Rennó

A artista contemporânea Rosângela Rennó, arquiteta de formação, desenhista e fotografa. Rennó se apropria de imagens fotografadas por outras pessoas e as coleciona. Em seu depoimento no documentário “As Imagens de Rosângela Rennó” da Coleção da dvdteca do Instituto Arte na Escola a artista afirma que é uma fotógrafa que não fotografa, e que muitas vezes, ganha álbuns fotográficos que foram jogados fora por outros. A artista coleciona também as fotos de seu pai já falecido que era fotografo amador. Rennó conta que guarda as fotografias e os álbuns em uma coleção a fim de se remontar as histórias e memórias que esses objetos revelam.

Para Rennó ser fotografa não significa necessariamente o fato de clicar e produzir a fotografia, mas sim de ter uma ligação com o espaço físico e sensorial da foto. Esse material desvela lembranças e memórias que por algum motivo ficaram guardados e posteriormente esquecidos. Os antigos álbuns fotográficos são para ela verdadeiros vestígios de memórias.

Para a artista a memória é uma temática importante, guarda vestígios do que se passa pelo olhar do observador. No trabalho da artista as imagens são coletadas formam um arquivo formado por fotografias, porta retratos, passe-partout, molduras, legendas de fotos publicadas em jornais e revistas, etc. Esse material que ela coleta é articulado a questões atuais pelas intervenções que ela faz criando outro significado para seu achado. Os álbuns fotográficos de família que a artista recebe, são por ela considerados como vestígios de memórias e causam o “acervo de sensações”.

- Colega, quais imagens os alunos teriam interesse em se apropriar?
- De que modo discutir a ética com os estudantes a partir do uso sem autorização de fotos em diferentes contextos?
- Qual a diferença existente entre a prática do Apropriadismo de imagens de Rosângela Rennó e essa questão mencionada?
- Quais imagens serviriam de mote a reflexão a respeito disso?

Assista ao documentário da DVDteca Arte na escola e perceba a diferença existente entre esse problema e a obra da artista. Provoque-os a falar sobre o uso indevido de imagens e discutam em sala. Apresente o documentário e veja qual a conclusão que chegam a respeito dessa diferença.

O documentário, As imagens de Rosângela Rennó, está disponível nesse endereço:

<http://tal.tv/video/as-imagens-de-rosangela-renno/>

## Referências:

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.pg68.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. Coleção Debates.5ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva,2008

COHEN, Ana Paula. **Museu museu**. São Paulo, outubro 2006.27ª Bienal de São Paulo, págs. 1 e2.

DOHMANN, Marcus. [tal] (org.). **A experiência material: A cultura do objeto**. R.J.: Rio Books, 2013.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Vidal, Diana Gonçalves. **Museus. Dos gabinetes de Curiosidades ao Museu Moderno**. Argumentvm,Belo Horizonte, 2005.

LECCARDI, Carmem. **Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo**. Publicação de artigo científico. Tradução: GUARINELLO,Norberto L. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/v17n2/a03v17n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/v17n2/a03v17n2.pdf) . Acessado em 23.06.2016.

MORGADO, Victória. Publicação de artigo Laboratório da Visualidade e Visualização da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro ( LABVIS\_EBA) Coleção de memórias – Cápsulas do tempo de Andy Warhol. Junho215. Disponível em: <https://labvis.eba.ufrj.br/colecao-de-memorias-capsulas-do-tempo-de-andy-warhol/> Acessado em 03.06.2016.

NAZARENO, Juliana Mendes. Publicação de artigo científico. **JUVENTUDE E GERAÇÃO: a relação entre presente, passado e futuro**. Agosto2011. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/QUESTOES\\_D\\_E\\_GENERO\\_ETNIA\\_E\\_GERACAO/JUVENTUDE\\_E\\_GERACAO\\_A\\_RELACAO\\_ENTRE PRESENTE PASSADO E FUTURO.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUESTOES_D_E_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/JUVENTUDE_E_GERACAO_A_RELACAO_ENTRE_PRESENTE_PASSADO_E_FUTURO.pdf) Acessado em 23.06.2016.

RIBEIRO, Cândido Virgínia. “Apropriação na arte contemporânea: colecionismo e memória.” disponível em <http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/075.pdf>, acessado em 09.12.2016.

SILVA, Marluce. Sociedade de consumo. Disponível em [www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a21v1328.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a21v1328.pdf). Acesso em 10/11/2015

**AS IMAGENS DE ROSANGELA RENNÓ**. Direção: Cacá Vicalvi. Instituto Arte na Escola. Produção: Rede SESC/SENAC de televisão de São Paulo.2002. Série: O mundo da arte.Duração: 23 minutos. São Paulo.

## Sites oficiais:

Capsules of time Warhol. Disponível em: [http://www.warhol.org/edu\\_additional.aspx?id=7016](http://www.warhol.org/edu_additional.aspx?id=7016). Acesso em 08.12.2016

Conhecendo museus episódio 56. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=cBf3hEDZ1Is&t=179s>. Acesso em 07.12.2016

Mabe Bethônico. Disponível em: <http://www.premiopipa.com/pag/mabe-bethonico/>. Acesso em 07.12.2016

Museu Nacional do Rio de Janeiro

[http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=12:museu-nacional](http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=12:museu-nacional)